

O RISO COMBATENTE: a sátira e o escárnio nos periódicos paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança

The fighting laugh: The satire and the derision in Paraguayan newspapers during the War of the Triple Alliance

Sergio Willian de Castro
OLIVEIRA FILHO

✉ sergiowcofilho@gmail.com

Escola de Aprendizizes-
Marinheiros do Ceará
Fortaleza, CE, Brasil

RESUMO

Durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), houve da parte de Solano López a vontade e o investimento na criação de periódicos que servissem aos interesses da propaganda de guerra do governo paraguaio, bem como da elevação do moral das tropas. Especialmente direcionados aos soldados paraguaios, os periódicos *El Centinela* e *Cabichuí* possuíam dentre suas características o coloquialismo e o apelo constante ao humor e ao riso. Com uma linguagem que se aproximava deveras da oralidade cotidiana e incentivava a leitura em grupo, tais jornais visavam alcançar o riso de seus leitores/ouvintes através do sarcasmo, da degradação e da deprecição do inimigo. Nosso objetivo é discutir de que modo o riso, que a princípio parece ser um elemento de reduzida importância no grande espectro da guerra, pode tomar outras feições se analisado sob o prisma da história cultural. Para tal, nossa metodologia tem por mote a análise dos textos e das imagens publicados nos periódicos paraguaios, em especial, os que faziam menção aos brasileiros, de modo a buscar compreender as apropriações do “outro” realizadas pela imprensa paraguaia durante a guerra, as quais estavam inseridas em um espectro da provocação do riso e eram forçadas com intenções voltadas ao esforço de guerra.

Palavras-Chave: Guerra da Tríplice Aliança, Imprensa Paraguaia, Riso.

ABSTRACT

During the War of the Triple Alliance against Paraguay (1865-1870), Solano López interest and investment in the creation of newspapers that served the interests of the Paraguayan government’s war propaganda and the elevation of the morale of the troops. Specially targeted at Paraguayan soldiers, the newspapers “*El Centinela*” and “*Cabichur*”, possessed among their characteristics colloquialism and the constant appeal to humor and laughter. With a language that approached really the daily oral and encouraging group reading, these newspapers aimed to reach the laughter of their readers/listeners through the sarcasm, degradation and depreciation of the enemy. Our aim is to discuss how the laughter, which at first seems to be a minor element in the great specter of war, may take on other features if analyzed from the perspective of cultural history. To that end, our methodology has as its motto the analysis of texts and images published in Paraguayan newspapers, especially those referring to Brazilians, in order to understand the appropriations of the “other” made by the Paraguayan press during the war, which were inserted in a spectrum of the provocation of the laughter and were forged with intentions directed to the war effort.

Keywords: War of the Triple Alliance, Paraguayan Press, Laugh.

Um dos textos mais conhecidos do historiador Robert Darnton trata da análise do relato de um sórdido evento ocorrido em Paris no princípio do século XVIII que aborda um massacre de gatos visto como algo extremamente engraçado pelo autor da narrativa que Darnton estudou. A respeito do estranhamento do leitor moderno a tal narrativa, seguido da necessidade de se tentar compreender as redes de significados que circundam o episódio, assim discorre o historiador:

O fato surpreende desagradavelmente o leitor moderno, que não o acha engraçado, mas quase repulsivo. Onde está o humor, num grupo de homens adultos balindo como bodes e batendo seus instrumentos de trabalho, enquanto um adolescente reencena a matança ritual de um animal indefeso? Nossa incapacidade de entender a piada é um indício da distância que nos separa dos operários da Europa pré-industrial. A percepção da distância pode nos servir como ponto de partida para uma investigação, porque os antropólogos descobriram que as melhores vias de acesso, numa tentativa para penetrar numa cultura estranha, podem ser aquelas em que ela parece mais opaca. (DARNTON, 2006, p. 106)

De modo similar, ao nos debruçarmos sobre os registros da imprensa paraguaia do período da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), é possível perceber uma construção discursiva que tinha o humor e o riso como elementos recorrentes e repletos de intencionalidades práticas voltadas ao esforço de guerra, mas cujo senso de humor pode causar certo estranhamento e, por vezes, repulsa ao leitor moderno.

O termo humor aqui empregado é aquele em seu sentido moderno, o qual é deveras amplo, sendo apresentado por Bremmer e Rodenburg como “qualquer mensagem (...) cuja intenção é a de provocar riso, ou um sorriso” (2000, p. 13). Desse modo, os estranhamentos diante do riso têm relação direta com o fato de que o riso e o humor estão inseridos em um espectro amplo e complexo de repertórios culturais compartilhados por determinados grupos sociais, podendo ser, a depender do seu contexto histórico-cultural, algo bastante amplo ou extremamente restrito.

Nesse sentido, durante o maior conflito bélico sul-americano houve da parte de Francisco Solano López e do grupo que o apoiava o interesse e o investimento na criação de periódicos que servissem aos interesses da propaganda de guerra do governo paraguaio, bem como da elevação do moral das tropas. Algumas dessas folhas eram especialmente direcionadas aos soldados paraguaios e possuíam dentre suas características o coloquialismo e o apelo constante ao humor e ao riso. Com uma linguagem que se aproximava deveras da oralidade cotidiana e incentivava a leitura em grupo, tais jornais visavam alcançar o riso de seus leitores/ouvintes através do sarcasmo, da degradação e da deprecição do inimigo.

Não é nosso interesse discorrer a respeito de quais pontos das narrativas visuais e escritas presentes na imprensa paraguaia seriam verossímeis, tampouco aventurar-se na quimera de apresentar “os fatos como verdadeiramente ocorreram”. Nossa metodologia tem por mote a análise dos textos e das imagens publicados nos periódicos

paraguaios, em especial, os que faziam menção aos brasileiros, de modo a buscar compreender as apropriações do “outro” realizadas pela imprensa paraguaia durante a guerra, as quais estavam inseridas em um espectro da provocação do riso em seus leitores e eram forjadas com intenções propagandísticas voltadas ao esforço de guerra.

Quando do início da guerra o *Semanario de Avisos y Conocimientos Utiles* – que a partir de agora passaremos a chamar somente de *Semanario* – era o único periódico em circulação na república paraguaia. Seu primeiro número fora lançado em 21 de maio de 1853 e sua circulação cessou no início de 1869 quando as tropas aliadas tomaram Assunção. Tal periódico foi, durante alguns anos, o único a circular no Paraguai de maneira ininterrupta¹, até que, em meados de 1867, o governo paraguaio incentivou o surgimento de outros jornais a fim de contribuir com o esforço de guerra.

Como o próprio nome já indicava, sua publicação era semanal (aos sábados) e seu lema, disposto no cabeçalho, era “¡Viva la Republica del Paraguay!”. O *Semanario* era totalmente vinculado ao Estado e sua impressão era viabilizada pela *Imprenta del Estado*. Além disso, em seu primeiro editorial, o então presidente da república, Carlos Antonio López, era apontado como diretor do periódico, de modo que, a missão básica do *Semanario* era de explicar a seus leitores a orientação política de seu governo e as ações do Estado, funcionando como uma folha oficial.

Pouco mais de uma década após o surgimento do *Semanario*, as hostilidades entre Paraguai e Brasil deram início aos confrontos bélicos da mais destrutiva guerra ocorrida na América do Sul. O *Semanario*, mantendo sua posição de imprensa do Estado, voltou suas atenções ao principal interesse do governo paraguaio naquele momento, isto é, a guerra contra o Império do Brasil. Seu primeiro número do ano de 1865 orbitou em torno de dois grandes temas: o primeiro referia-se às motivações da guerra, as quais seriam uma reação de defesa a “El exeso de tirania del Imperio [do Brasil] para con sus vecinos inofensivos [uma alusão à intervenção brasileira no Uruguai ocorrida no ano anterior] (...) Así el Imperio se declara enemigo del Paraguay y lo arrastra al terreno de la lucha”² (*Semanario de avisos y conocimientos útiles*, Asunción, 07 de enero de 1865); o segundo tema, à exultação diante das vitórias paraguaias alcançadas em Forte Coimbra, Miranda e Dourados.

O foco na guerra se consolidaria com a exacerbação do conflito após a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança (1º de maio de 1865), de modo que o *Semanario* concentrou-se quase que totalmente em ser um instrumento do governo para justificar a necessidade do combate enquanto ato de defesa da soberania paraguaia diante dos excessos expansionistas do Império do Brasil, bem como divulgando os feitos paraguaios no campo de batalha que agora contava com dois novos inimigos (Argentina e Uruguai).

A partir de 1867, quando o desenrolar dos acontecimentos no campo de batalha já não se mostrava mais tão favorável às forças paraguaias, o presidente Francisco Solano López incentivou o surgimento de outros periódicos com o intento de também servirem como porta-vozes do governo em relação à elevação do moral da população e das tropas. Desta leva surgiram os jornais: *El Centinela* (1867-1868), *Cabichuí* (1867-1868), *Cacique Lambaré* (1867-1868) e *La Estrella* (1869)³. Algumas dessas publicações

traziam matérias no idioma guarani, vastamente utilizado no Paraguai à época, enquanto o *Cacique Lambaré* era quase que totalmente publicado neste vernáculo⁴.

A respeito do surgimento desses diversos periódicos, Juan Crisóstomo Centurión, militar paraguaio que tomou parte da guerra e que teve participação efetiva como redator e colaborador de várias dessas publicações, assim se expressou em suas memórias:

El Mariscal López empleaba todos los medios á su alcance para fortalecer el espíritu y mejorar en lo posible la moral del ejército. A este fin, a más del **Semanario**, que no solo registraba en sus columnas los sucesos de la guerra, sino que hacía una propaganda tenaz contra los aliados en el sentido de desacreditar su causa ante la opinión, mandó fundar un periodiquín llamado **El Centinela**, (...) y otro llamado el **Lambaré**, que se redactaba en guaraní (...) Estos dos periódicos veían la luz en la capital, y se distribuían profusamente en la campaña y en el ejército. En Paso Pucú se estableció una imprenta, y por indicación del Mariscal se fundó un periódico satírico de caricaturas. El que escribe estas memorias fue encargado de la dirección y redacción del mismo (...) fue aceptada a la idea mía de que fuese llamado **Cabichuí**.⁵ (CENTURIÓN, 1894, p. 320-321)

A historiadora Maria Johansson, ao abordar a campanha de propaganda levada a cabo pelo Paraguai durante a guerra, nos indica que:

Desde el comienzo de las hostilidades, la prensa de los países beligerantes se dedicó a tratar ampliamente el conflicto. En el caso del Paraguay, inmerso en un contexto de guerra total, el gobierno inició una campaña de propaganda que consistió en la diseminación de ideas tendientes a inducir determinados comportamientos. (...) como bien sostiene Jean-Marie Domenach, a partir del siglo XVIII la propaganda se convirtió en un auxiliar de las estrategias de guerra, que comenzaron a conducirse tanto por las armas como por la ideología.⁶ (JOHANSSON, 2015, p. 503)

Consoante Jean-Marie Domenach, durante a Revolução Francesa ocorreu uma ascensão da propaganda enquanto instrumento de guerra, a qual foi bastante utilizada, em seguida, por Napoleão Bonaparte e encontrou uma potencialização no decorrer do século XIX com a difusão da imprensa e com o surgimento e as transformações dos diversos Estados-Nação na Europa e nas Américas. Para tal autor, a propaganda converteu-se em um vigoroso instrumento de guerra:

Desde 1791, la ideología se une a las armas en la conducción de las guerras, y la propaganda se convierte en auxiliar de la estrategia. Se trata de crear la cohesión y el entusiasmo en el bando propio, y el desorden y el miedo en el del enemigo. Al abolir cada vez más la distinción entre el frente y la retaguardia,

la guerra total ofrece a la propaganda, como campo de acción, no solo los ejércitos, sino las poblaciones civiles, puesto que quizá sea más segura la acción en éstas para mejor afectar a aquéllos, puesto que se puede llegar a sublevar esas poblaciones y hacer surgir en la retaguardia del enemigo nuevos tipos de soldados, hombres, mujeres y niños espías, saboteadores y guerrilleros.⁷ (DOMENACH, 1968, p. 18)

Mesmo com o surgimento de outros órgãos de imprensa no Paraguai, o *Semanario* manteve certa distinção dos demais periódicos, pois era considerado um jornal formal e de linguagem mais rebuscada que seus contemporâneos de guerra. O tom de folha oficial por parte do *Semanario* manteve-se de forma rigorosa, atendo-se a um discurso revestido de seriedade. Tício Escobar afirma que no *Semanario* o “*espíritu oficial, conservador y serio, no podía hablar con naturalidad el lenguaje popular del Ejército ni expresar el sentido del humor, los temores, deseos y fantasías del pueblo combatiente*” (ESCOBAR, 1982, p. 278).

Tal distinção era, inclusive, desejada pelos outros periódicos que, visando atingir um público leitor diferenciado, isto é, aqueles que lutavam no campo de batalha ou auxiliavam o esforço de guerra na capital, era forjado com uma linguagem muito menos rebuscada, e mais irônica e cômica. Desse modo, os companheiros de imprensa do *Semanario* não possuíam mínimos pudores de, em suas páginas, transformar os inimigos do Paraguai em macacos, asnos, gafanhotos, porcos, tartarugas, jacarés ou cachorros.

No *Cabichuí*, sobre o qual discorreremos com mais atenção adiante, é famosa a constante apresentação dos brasileiros recebendo epítetos como “negros” e “macacos” e, de maneira iconográfica, suas xilogravuras traziam os governantes dos países em guerra com o Paraguai com corpo humano e cabeça de animal: D. Pedro II como um macaco (“Magestad macacuna”); Bartolomeu Mitre como um cachorro; e Venâncio Flores como um asno (Figura 1). Diante dessa representação de homens em forma animalesca, Keith Thomas, em sua análise da relação do homem com a natureza entre os séculos XV e XVIII, afirma que, neste período, foi desenvolvida uma construção discursiva da superioridade humana sobre os demais animais, justificando a dominação dos mesmos. Assim:

Essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens. (...) se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semianimal. (THOMAS, 2010, p. 55)
(...)

Com efeito, descrever um homem como um bicho era dizer que ele devia ser tratado como tal. (...) para aqueles que cometiam atos atroz e sanguinários, desumanizar a vítima reclassificando-a como animal era, muitas vezes, uma preliminar mental indispensável. (THOMAS, 2010, p. 65)



Figura 1. “La triple allanza contra la virgen de las regiones meridionales”⁹.

Fonte: *Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de maio de 1867.

Ao mesmo tempo, o uso de tais imagens enquanto meio para elaborações discursivas a respeito do outro, especialmente em uma perspectiva satírica e depreciativa, aponta para a construção, ou reforço, de uma identidade. Isto é, ao mesmo tempo em que se postulava uma suposta inferioridade do outro, também era apregoada uma inquestionável superioridade de si. Tal mecanismo em um contexto de guerra tomava feições muito mais vultosas. Desse modo, Gombrich aponta que:

Lo que en nuestros días se llama sentido de identidad se apoya siempre en el supuesto de superioridad sobre aquellos que no pertenecen al medio. En esta función la que ha cumplido siempre la sátira, tanto si pensamos en imágenes, canciones, o simplemente en anécdotas y chistes a la costa de los vecinos (...). La sátira pictórica ha contribuido a este sentimiento de superioridad ciertamente necio al reforzar el estereotipo que cualquier grupo tiene de sí mismo y de los demás.⁸ (GOMBRICH, 2003, p. 195-196)

A exacerbação do tom racista e da tônica voltada à ridicularização do inimigo, presentes nos periódicos surgidos a partir de 1867, também se fazia presente, mesmo que de modo mais contido, no *Semanario*, que frequentemente atribuía às tropas brasileiras o epíteto de “los infelices negros de D. Pedro II” (*Semanario de avisos y conocimientos* úteis, Asunción, 24 de junio de 1865).

O incentivo e determinação para criação de outros periódicos por parte do governo paraguaio, mesmo que mantivesse o tom discursivo monolítico devido à imprensa continuar sendo a porta-voz de López, possibilitou uma ampliação do público leitor à medida que a linguagem dos periódicos surgidos, especialmente na guerra e para a guerra, revestiu-se de um teor mais coloquial e menos rebuscado se comparados ao *Semanario*. Havia a necessidade de dar alento e elevar o moral daqueles que se encontravam no campo de batalha, daí o fato de os diversos “periódicos de trincheira” que surgiram a partir de 1867 terem sido direcionados a um público em especial: os combatentes.

O primogênito dos periódicos de trincheira criados por incentivo estatal foi *El Centinela*, que teve seu primeiro número publicado em 25 de abril de 1867, apresentando-se como um “Periodico serio-jocoso”. O nome desse jornal já dava a entender seu posicionamento; ele se propunha a ser mais uma das sentinelas da República do Paraguai, um reforço às forças de Solano Lopes na defesa da nação e assim apresentava-se ao seu chefe supremo: “El Centinela Exmo. Señor, es vuestro soldado – Al nacer os presenta sus armas y os bendice” (*El Centinela*, Asunción, 25 de abril de 1867).

Johansson aponta o universo de assuntos no qual *El Centinela* concentrou-se durante sua existência:

Informar a la tropa los episodios de la contienda, defender a la República, celebrar las victorias paraguayas, infiltrarse en las filas del enemigo con el fin de tenerlo, procurar la risa del soldado para alivianar sus fatigas, observar a los ciudadanos paraguayos y rendir honores al mariscal López.¹⁰ (JOHANSSON, 2015, p. 505)

Assim como o *Semanario*, *El Centinela* era publicado pela *Imprenta del Estado* em Assunção com uma periodicidade semanal. Contudo, conforme já dito, a intencionalidade da criação de tal folha, e das demais que surgiram nos meses e anos seguintes, era a de chegar a um público a quem a folha oficial nem sempre alcançava, isto é, os elementos das Forças Armadas, especialmente a sua maior parte que pertencia aos níveis hierárquicos mais baixos.

Sua constituição editorial assemelhava-se bastante aos demais periódicos surgidos a partir de 1867 no que se referia ao tamanho e à periodicidade, isto é, era semanal e tinha, geralmente, quatro páginas. Uma das novidades trazidas por este periódico de trincheira era a presença de várias xilogravuras em seus números, tendo sido o primeiro jornal paraguaio a trazer imagens, muitas das quais com forte teor jocoso que apresentavam o inimigo de modo ridicularizado e com um racismo extremamente repetitivo, no qual o termo “negro” sempre surgia como sinônimo pejorativo de homens inferiores e bárbaros. Corriqueiramente, as alcunhas atribuídas aos inimigos brasileiros eram as de “negros”, “macacos”, “macacones”, sempre dispostos em uma perspectiva de inferioridade moral e cultural, descritos como incivilizados e covardes, enquanto os paraguaios seriam cultos e bravos.

No que diz respeito às pioneiras imagens presentes no periódico, cabe menção ao fato de que o criador de grande parte delas era o arquiteto e desenhista turinês Alejandro Ravizza, que havia sido contratado em 1854, ainda no governo de Carlos López, e que fora responsável pelos projetos arquitetônicos, bem como pela supervisão e execução de diversas construções de edificações em Assunção (tais como palácios, clubes, teatros, igrejas). As gravações das xilogravuras, por sua vez, eram realizadas por diversos gravadores: Manuel Colunga (do qual são a maior parte das xilogravuras), Gregorio Cáceres, Ignacio Aquino e Juan José Benítez (militar pertencente ao Batalhão nº 12). Ademais, há aí a inserção da imprensa do Paraguai em uma dinâmica de apropriações que se espalhava pela imprensa de diversos outros países que, com o desenvolvimento tecnológico e maior acessibilidade de determinadas técnicas, multiplicou as folhas com ilustrações e o vigoroso impacto de tal aparato discursivo visual ante o público leitor.

Percebe-se no *El Centinela*, nas suas diversas formas de escrita – prosa, notícias, crônicas, poemas, cantigas, anedotas, correspondências – uma insistência em reafirmar o prazer sentido pelos soldados paraguaios ao abater o inimigo brasileiro, cujo sinônimo em tal publicação era “negro”: “escopeteando negros á las mil maravillas” (*El Centinela*, Asunción, 25 de abril de 1867); “matar negros”; “los negros (...) carbonizados bien pueden servir de combustible y tizonel del infierno” (*El Centinela*, Asunción, 02 de mayo de 1867); “enseñemos a los negros el poder de Don Chicote” (*El Centinela*, Asunción, 30 de mayo de 1867); “desalojar la bílis de los negros” (*El Centinela*, Asunción, 27 de junio de 1867).

De modo similar ao *Cabichuí*, onde os ilustradores representavam Pedro II como um macaco, o *El Centinela* empregava a mesma dinâmica jocosa. Em um dos números desta publicação são representados em feições simiescas: o Imperador brasileiro, o Almirante Tamandaré e o Marechal de Campo Polidoro Jordão (Figura 2).



Figura 2. “Conferencia secreta”.

Fonte: *El Centinela*, Asunción, 09 de mayo de 1867.

Tal forma de expressão visava claramente incutir nos leitores uma forma de verem os inimigos como seres animais, cuja morte pelas mãos dos combatentes paraguaios não deveria instigar sentimento de culpa ou compaixão. Mas, além disso, essa bestialização caricata do inimigo também visava ser um instrumento de produção do riso. Essa correlação ridículo-riso consiste em uma dinâmica onde “aviltar, degradar, humilhar pelo riso” (MINOIS, 2003, p. 299) são instrumentos de guerra e, principalmente, de propaganda, a qual, geralmente, se mostra eficaz, conforme afirma Domenach:

Ridiculizar al adversario, caricaturizando su estilo y sus argumentaciones o haciéndolo objeto de bromas y de breves historias cómicas (...) los múltiples medios de poner en ridículo a un adversario; aunque con frecuencia groseros, son sin embargo eficaces.¹¹ (DOMENACH, 1968, p. 84)

Desconstruir os soldados ao mesmo tempo em que se caricaturavam os inimigos tornou-se uma das bases do conteúdo do *El Centinela*. Conforme já dito, a folha era produzida com vias a atingir um público leitor específico: os soldados. De modo que seu título – *El Centinela* – já denotava tal intento, isto é, identificava-se a um soldado que, apesar de pelejar em um campo diferente daqueles que se encontravam na linha de batalha, possuía o mesmo objetivo. Assim, o pequeno jornal de quatro folhas era amplamente distribuído nos acampamentos militares paraguaios.

O periódico *Revista del Paraguay*, publicado em Buenos Aires na última década do século XIX, traz em um de seus números um artigo acerca da imprensa paraguaia, transcrevendo trechos de uma obra do historiador argentino Antonio Zinny, que comenta sobre a circulação d'*El Centinela*: “Este periódico era expresamente para el ejército y se repartía en el campamento para solaz de los soldados” (*Revista del Paraguay*, Buenos Aires, agosto de 1891, p. 345).

Juan Emiliano O’Leary, historiador paraguaio nascido em 1879 e grande entusiasta e defensor de Solano López e suas ações durante a guerra, afirma em uma de suas obras que:

La risa ¡Pero si fue una de las más agudas armas que esgrimió nuestro ejército contra el invasor!
(...)
“El Centinela” era (...) periódico satírico y de caricaturas, pero escrito generalmente en castellano. Aparecía en Asunción y circulaba también profusamente en el ejército.¹² (O’LEARY, 1922, p. 324-325)

De modo que havia uma profusa escrita e representação imagética que apontava na direção da provocação do riso:

“El Centinela” que pertenece a las filas del Ejército nacional (...) Les ofrece que sus columnas las empleará en señalar las acciones distinguidas, y en proporcionar a nuestro Ejército momentos de riza y algazara.

(...)

Cara feia. En la táctica militar del Brasil hay un tratado de Mimica, que antes de pelear lo ponen en práctica los soldados imperiales. El oficial dá esta voz a su compañía: “cara feia al enemigo” y los negros hacen visajes que causan espanto, y por cierto que este feliz recurso es más temible que sus bayonetas.¹³ (*El Centinela*, Asunción, 25 de abril de 1867)

O tema “cara feia al enemigo” reaparece alguns números depois, mas dessa vez de modo imagético, apresentando a ação de soldados paraguaios mostrando as nádegas ao inimigo como forma de ridicularizar o uso de balões de observação pela Tríplice Aliança (Figura 3). Assim é descrito o ato seguido por uma xilogravura: “Nuestros cañones estan en guardia, y los soldados han bajado los calzones para hacer cara feia al enemigo” (*El Centinela*, Asunción, 08 de agosto de 1867).

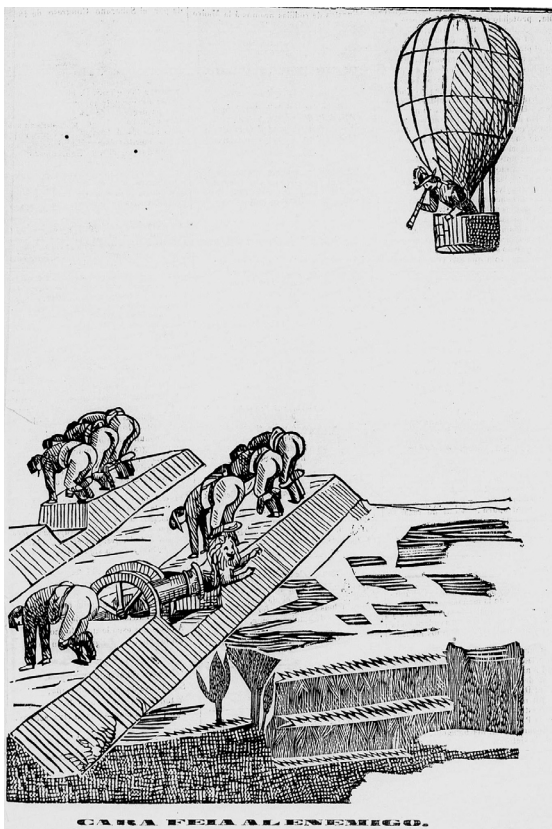


Figura 3. “Cara feia al enemigo”.

Fonte: *El Centinela*, Asunción, 08 de agosto de 1867.

Com vias a reforçar ainda mais a identificação buscada para com seu público-alvo, o novo recruta impresso paraguaio criou um personagem chamado de “Centinela D. Mateo Matamoros”, o qual dirige o jornal e recebe/prodiz correspondências (também fictícias) diretamente do campo de batalha, de um informante do exército inimigo e do Rio de Janeiro, além de escrever poemas no idioma guarani (muitas vezes à sua amada esposa).

Em seu primeiro número Mateo Matamoros assim demonstra sua política editorial:

El orden de las materias será el de un puchero, por que como soldado solo sabe dos cosas: matar negros y hacer sus baturrillos. (...)

La publicación es para el Ejército, y las materias que se tratan, nada tendrán de metafísica – El lenguaje del soldado es llano y sincero. Cada artículo será tan breve como el tarrán-plan del tambor.¹⁴ (*El Centinela*, Asunción, 25 de abril de 1867)

Como já se pode perceber, a linguagem d'*El Centinela* diferia do *Semanario* e ao utilizar “expresiones coloquiales o vulgares perseguía el fin de exponer a los lectores lo más claramente posible las opiniones y reflexiones de los periódicos que al gobierno le interesaba consolidar” (JOHANSSON, 2015, p. 504).

Não obstante, o que poderia subentender uma formação letrada inferior por parte dos redatores e articulistas do *El Centinela* por conta de sua linguagem menos rebuscada, não correspondia à realidade, na medida em que tais funções eram exercidas por homens letrados, muitos com formação na Europa (como no caso do desenhista Alejandro Ravizza, citado anteriormente), os quais contribuíam para o *Semanario* e que, em seguida, também passaram a escrever para os demais periódicos de trincheira fundados no decorrer do conflito. Um exemplo dessa confluência de articulistas nos variados jornais pode ser percebido na direção do novo “soldado” de López, que ficara a cargo do boliviano, exilado no Paraguai, Tristán Roca Suárez¹⁵, o qual já tinha ativa participação no *Semanario*. Além disso, pode-se citar a atuação de Juan Centurión, o qual também contribuía na escrita e na direção de vários desses periódicos.

O que se pode perceber de tal constatação era que havia da parte dos grupos letrados que colaboravam com a imprensa paraguaia a percepção de que os soldados pertenceriam a um grupo social cuja linguagem era rasa, curta e vulgar. Essa generalização atribuída àqueles que se encontravam nos acampamentos e campos de batalha era fruto das representações de tais articulistas, os quais formatavam uma linguagem diferenciada da que costumeiramente faziam uso no *Semanario* com o fim de repassarem a mensagem desejada.

Nesse sentido surge no acampamento de Paso Pucú outro periódico seguidor da mesma linha do *El Centinela*. Em suas memórias, Juan Crisóstomo Centurión (oficial do exército paraguaio) aponta o modo de escolha do nome deste novo “combatente”:

Durante dos ó tres días fue vivamente discutido el título que debía llevar el dicho periodiquín, así como el dibujo que debía servirle de frontispicio ó portada. Por fin, fue aceptada la idea

mía de que fuesse llamado Cabichuí, nombre de una avispa negra muy brava, que construye su colmena en los árboles y en los aleros de las casas; igualmente fue aprobado el dibujo de la portada, consistente en un negro acosado por una multitud de esas avispas.¹⁶ (CENTURIÓN, 1894, p. 321)

Uma multidão de vespas nativas do Paraguai apossaria um homem negro. Essa é a descrição dada por Centurión do frontispício do periódico idealizado no acampamento militar de Paso Pucú¹⁷ e que teve seu primeiro número publicado em 13 de maio de 1867 (Figura 4). Em todos os seus 95 números, tal imagem ilustraria a primeira página do jornal considerado o mais relevante dos periódicos surgidos no Paraguai durante a guerra. Tratar-se-ia de uma clara alegoria, onde as pequenas vespas seriam uma representação dos paraguaios e o homem negro com feições bestiais a materialização do inimigo, em especial, o maior dos inimigos, isto é, o Império do Brasil, cujos combatentes na guerra em andamento geralmente eram descritos como negros.

Não obstante, Roberto Goiriz considera que o personagem da imagem teria um significado muito mais amplo, na medida em que não se assemelhava totalmente aos desenhos que visavam representar os combatentes brasileiros. Tal representação, seguindo a recorrente perspectiva antropozoomórfica, corresponderia a um homem bestializado convertido em fera, o qual seria uma alegoria à “barbarie, brutalidad y salvajismo atribuidos a los ejércitos aliados” (GOIRIZ, 2008, p. 32).

O *Cabichuí* surge com missão similar ao seu irmão pouco mais velho – *El Centinela* – de levar as informações da guerra aos seus compatriotas, especialmente àqueles que se encontravam no teatro de operações, de modo cômico e sempre exaltando os grandes feitos paraguaios no campo de batalha. Também com amparo estatal o novo periódico era produzido nas prensas da *Imprenta del Ejercito*. Por tal razão, grande parte de seus colaboradores eram militares, tais como o já citado Capitão Juan Crisóstomo Centurión, o tenente Natalicio Talavera¹⁸ e o correntino Victor Silvero; não obstante, civis também escreviam para o *Cabichuí*, como o padre Fidel Maíz.

Contudo, apesar dos diversos pontos de similaridade, outros tantos tornavam os periódicos irmãos de trincheira díspares. De acordo com Goiriz:

El primero [El Centinela] estaba editado en la capital del Paraguay, en la imprenta Nacional y, por tanto, muy cerca del control del estado y del propio López, cuando éste estaba en el lugar, mientras que la humilde avispa gozaba de mayor libertad, al ser producida, muchas veces, en los propios campos de batalla, en escenarios dispersos y alejados. Por ese solo motivo, el discurso de El Centinela era mucho más cercano al discurso oficial y estaba en sintonía con las proclamas y directivas provenientes del gobierno.¹⁹ (GOIRIZ, 2008, p. 51)

É nesse sentido que cabe ressaltar a participação de soldados como os artistas responsáveis pelas xilogravuras do *Cabichuí*, as quais tiveram grande repercussão no Paraguai e no Brasil ainda durante a beligerância. Assim, os cerca de 400 desenhos



Figura 4. Reprodução da capa do primeiro número de *Cabichú*.

Fonte: *Cabichú*, Paso Pucú, 13 de maio de 1867.

publicados no *Cabichuí* tinham por autores, dentre outros, os soldados: Inocencio Aquino, M. Perina, Francisco Ocampos, Gregorio Acosta, Jerónimo Cáceres, J. Bargas, Francisco Velasco e o pintor Satúrio Ríos. Carentes são os dados biográficos da maior parte dos militares paraguaios gravadores das xilogravuras do *Cabichuí*, com algumas exceções, como no caso de Satúrio Ríos (o qual inclusive estudara no Brasil antes da Guerra).

Não obstante, essa vigorosa presença de soldados e sargentos paraguaios na produção e na gravação das ilustrações do *Cabichuí* demonstra um aspecto deveras relevante quando comparamos esta folha às demais existentes no Paraguai e até mesmo nas outras nações partícipes no conflito, a saber, a participação ativa de grupos, que apesar de letrados, não constituíam a elite intelectual do país, mas que foram ativos partícipes da produção da propaganda de guerra paraguaia. Consoante Josefina Plá:

exceptuando a Saturio Ríos, salta a la vista que ninguno de esos grabadores tenía auténtica versación dibujística. Inclusive en algunos de ellos, la ausencia de disciplina académica es absoluta. Es precisamente esa ingenuidad la que, urgida por un espontáneo, fervoroso impulso interior, se traduce en esas composiciones vitalmente ricas y transparentes de sentido, plenamente significativas.²⁰ (PLÁ, 2016, p. 9)

Apesar da vultosa presença de imagens, deve-se ter em vista que, tanto no *El Centinela* como no *Cabichuí*, as legendas tinham suma importância na construção de todo o escopo. Isto é, ambas as folhas ainda faziam uso das legendas para dar ao seu leitor o roteiro que desejavam que tivesse a leitura das suas imagens.

Juan O'Leary, grande apologista de Solano López (já citado por nós), aponta com entusiasmo a existência da folha de Paso Pucú durante a guerra:

teníamos un periódico satírico "El Cabichui", que era el órgano oficial de la alegría de nuestro ejército.

(...)

Aquella pequeña avispa (Cabichui) volaba través del ejército, desatando la hilaridad de nuestras tropas, y cruzando nuestras trincheras, iba a clavar su envenado agujón en el corazón del enemigo.²¹ (O'LEARY, 1922, p. 324)

Dentre os pontos de aproximação do *Cabichuí* e do *El Centinela* poderíamos citar: o ano de surgimento, o público leitor a que foram destinados, a linguagem coloquial, a presença de imagens, o tom satírico e depreciativo a respeito do inimigo, o fervor nacionalista, a exaltação da figura de Solano López e do soldado paraguaio. Mas, além de tais fatores, outro merece destaque, a saber, a forte presença de uma linguagem de teor oral neste tipo de publicação escrita. No *Cabichuí*, tal elemento tem muito mais preponderância e se mostra como algo proposital, na medida em que era produzido com intenções de ter seu conteúdo lido de maneira coletiva no acampamento, em voz alta, com leitores e ouvintes.

Em artigo intitulado “Palavras além das letras” (MOREL, 2010), Marco Morel aponta os intercâmbios existentes entre a imprensa e a oralidade nos periódicos do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX; de modo similar à perspectiva de Morel, guardado o devido distanciamento cronológico e espacial, pode-se perceber também nos jornais paraguaios do período da guerra contra a Tríplice Aliança que havia uma forte imbricação entre a imprensa e as formas de expressão oral. Isso não é tão notável no *Semanario*, mas nos jornais surgidos a partir de 1867 é algo inextrincável.

Dentre as variadas gravuras publicadas pelo *Cabichuí*, a que reproduzimos a seguir é deveras significativa a esse respeito (Figura 5). Apresentando-se com a legenda “La lectura del Cabichui”, pode-se perceber um grupo de soldados em um momento de descanso, no qual um deles lê o jornal aos demais, que demonstram em suas feições interesse, prazer e descontração:

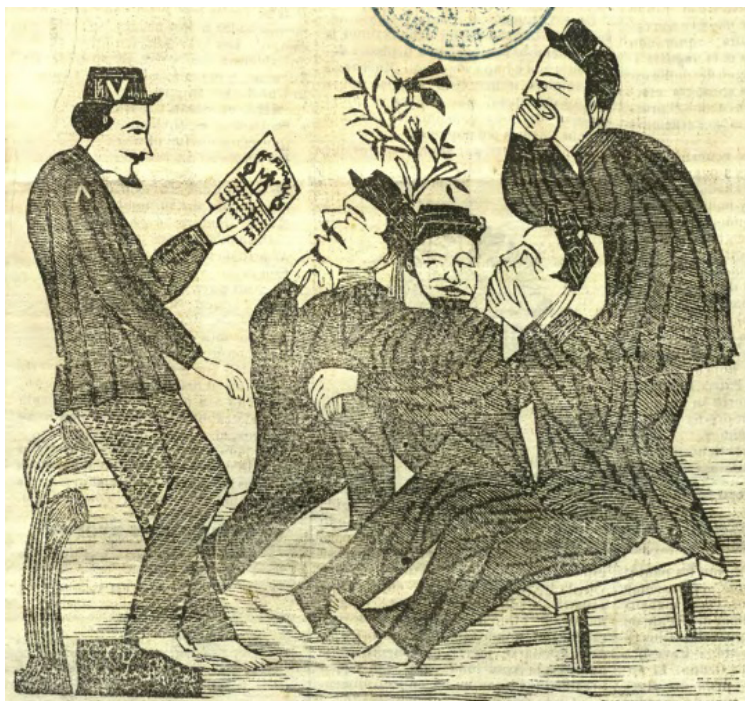


Figura 5. “La lectura del Cabichui”.

Fonte: *Cabichuí*, Paso Pucú, 08 de agosto de 1867.

Ora, além de ser produzido com uma linguagem que se aproximava deveras da oralidade cotidiana e incentivadora da leitura em grupo e em voz alta, o *Cabichuí* visava alcançar o riso de seus leitores/ouvintes através do sarcasmo e da depreciação

do inimigo. O riso, que poderia parecer um elemento de reduzida importância no grande espectro da guerra, toma outras feições se analisado sob o prisma da história cultural, especialmente quando se constitui em um riso coletivo, pois o mesmo pode forjar um sentido de comunidade por parte daqueles que riem junto. Analisando o humor na Alemanha oitocentista, a historiadora Mary Townsend afirma que:

O simples ato de compartilhar o riso era mais importante do que o conteúdo específico ou impacto imediato de qualquer piada ou caricatura. Rir junto significava participar de uma cultura comum, uma forma de comunicação sobre assuntos de interesse mútuo. (...) O humor popular estabelecia um sentido de comunidade entre os participantes. (TOWNSEND, 2000, p. 228)

Apesar de a abordagem de Townsend remeter a outro contexto histórico-cultural e geográfico, podemos tomá-la como extremamente útil para nossa compreensão do aspecto humorístico presente nos periódicos de trincheira paraguaios, os quais intentavam construir um espírito homogêneo de resistência à Tríplice Aliança.

Assim como no *El Centinela*, a ridicularização satírica do inimigo era basilar na *Vespa* de López. As tropas brasileiras eram sempre apresentadas de modo pejorativo e, do mesmo modo que se enfatizava a figura de López, também se personalizavam representações quanto aos líderes militares da Tríplice Aliança, mas de modo extremamente depreciativo, em especial dos comandantes brasileiros.

Essa dinâmica da criação, leitura e apropriação das caricaturas e desenhos dispostos nos periódicos de trincheira paraguaios era possível a partir da dimensão metafórica em que as mesmas estavam inseridas. Ou seja, os acontecimentos recentes da guerra e o modo como os jornais os noticiavam imiscuíam-se em uma intensa rede de percepções culturais que traduziam os signos. Acompanhando Gombrich em sua análise da caricatura política:

Naturalmente, es este género de la caricatura el que consigue su efecto del uso de la metáfora para comentar las noticias de la actualidad diaria. Se basa en un público que disfruta del ingenio de una comparación que no puede explicar pero que resume una situación.²² (GOMBRICH, 2003, p. 199)

Assim, as constantes referências ao Marquês de Caxias no periódico, atribuíam a Luís Alves de Lima e Silva adjetivos similares àqueles dados às tropas brasileiras. Além disso, as diversas representações imagéticas de Caxias produzidas em *Paso Pucú* sempre o apresentam como um homem negro caricato (Figura 6).

Além de Caxias, outros líderes militares da Tríplice Aliança não passariam incólumes pela sanha cômica do *Cabichuí*, por exemplo: o Visconde de Inhaúma (Figura 7). O Comandante em Chefe das forças navais imperiais brasileiras sempre era representado com traços caricatos e animalescos (geralmente como um suíno), que enfatizavam seu sobrepeso, apontando o Almirante Joaquim José Ignacio como um homem covarde que comandava uma esquadra lenta e ineficiente.



Figura 6. “El Marquez de Caxias vá a bombardear el Campamento paraguayo”.

Fonte: *Cabichuí*, Paso Pucú, 20 de mayo de 1867.

Diversas vezes os combatentes da Tríplice Aliança são apontados nestes jornais como covardes, fracos, estúpidos e inábeis guerreiros. De modo proposital, o tom satírico era bastante recorrente e aliado a ele estava a informalidade do texto. Enquanto o *El Centinela* afirmava que “los amilanados negros (...) aturdidos no podían hacer uso de la formidable armada” (*El Centinela*, Asunción, 13 de junio de 1867), o *Cabichuí* apontava “o oprobio (...) que ha recojido esa cobarde y miserable armada de esclavos” que estava sob “el infame trapo auriverde” (*Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de junio de 1867).

Tal construção de um discurso racial a respeito dos combatentes brasileiros, retratados como negros/escravos pelos jornais de Assunção e pela folha de Paso Pucú é bastante conhecida. Além dos aspectos relacionados à tentativa de apresentar o inimigo como inferior a partir de teorias racialistas do período, havia também o



Figura 7. “El Almirante Igniferonte”.

Fonte: *Cabichuí*, Paso Pucú, 03 de febrero de 1868.

forte ensejo de demonstrar que, em uma luta que postava, supostamente, escravos²³ e homens livres em oposição no campo de batalha, claramente os dotes morais e guerreiros mais louváveis estariam do lado dos homens livres da República paraguaia.

No final de 1867, o *El Centinela* assim se referiria em tons de escárnio às forças brasileiras (fazendo menção à Forte Coimbra e à Batalha Naval do Riachuelo): “¿Con que fuerzas nos combate el enemigo? ¿Son acaso los negros esclavos que asaltamos en Coimbra y Corumbá, ó los imbeciles marinos que en Riachuelo avanzamos y derrotamos con nuestras celebres chatas y vaporcillos mercantes?” (*El Centinela*, Asunción, 05 de diciembre de 1867).

Isto é, ao apresentar as fileiras inimigas compostas por escravos negros e marinheiros imbecis, os quais, apesar do grande potencial bélico, não tinham hombridade nem capacidade intelectual para usar tal potencial, tais periódicos intentavam dar fôlego em uma guerra que já chegava à exaustão para aqueles que, por sua vez, eram representados como bravos e heroicos: os combatentes paraguaios.

O último número do *Cabichuí* foi publicado em 20 de agosto de 1868, já no acampamento de San Fernando²⁴. Um mês antes a principal fortaleza paraguaia, Humaitá, havia caído e encontrava-se nas mãos dos aliados. O fim do *Cabichuí* coincidiu com uma espécie de começo do fim da guerra, pois poucos meses depois Assunção seria tomada e se iniciaria a última fase do conflito, a famigerada Campanha das Cordilheiras, com mote de pôr fim à guerra através da captura ou morte de Solano López.

Concluimos apontando que nosso objetivo neste texto foi levantar uma discussão a respeito do modo como o riso e o humor podem ser elementos relevantes em uma investigação sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Por mais que o sangue, as mortes, a destruição, a dor e o choro possam ter sido aspectos frequentes em tal período da história sul-americana, o riso e o escárnio, enquanto manifestações culturais, também se fizeram presentes nas trincheiras, navios, acampamentos e cidades.

Tomando por base os escritos de Darnton (2006), Gombrich (2003), Domenach (1968), Townsend (2000), Bremmer (2000), Roodenburg (2000) e Minois (2003), chegamos à conclusão de que a representação/ridicularização do inimigo nas folhas paraguaias durante o conflito, as quais sugeriam o riso coletivo, tinham dentre suas potencialidades a constituição de um sentido de comunidade e identidade em seus leitores/ouvintes, tornando-se um poderoso instrumento de propaganda de guerra, à medida que incentivavam a continuidade da luta em um momento do confronto em que, aparentemente, não havia motivos para rir.

Referências

- BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CENTURIÓN, J. C. *Memorias del coronel Juan Crisóstomo Centurión ó sean, Reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo Segundo. Buenos Aires: Imprenta de Obras, 1894.
- DARNTON, R. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DOMENACH, J.-M. *La propaganda política*. Buenos Aires: EUDEBA, 1968.
- DORATIOTO, F.F. M. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ESCOBAR, T. *Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay*. Asunción: Centro Cultural Paraguayo Americano, 1982.
- FARINA, B. N. *El periodismo de guerra*. Asunción: El Lector, 2013.
- GOIRIZ, R. *Historia del humor gráfico en Paraguay*. Alcalá: Editorial Milenio, 2008.
- GOMBRICH, E. H. *Los usos de las imágenes: Estudios sobre la función social del arte y la comunicación visual*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- IZECKSOHN, V. O recrutamento de libertos para a Guerra do Paraguai: considerações recentes sobre um tema complexo. *Revista Navigator*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 96-110, 2015.

JOHANSSON, M. L. El guarani como arma de lucha: lengua e identidad nacional en la prensa de guerra paraguaya (1867-1868). In. RODRIGUES, F. S.; PEDROSA, F. V. G. (Orgs.). *Uma tragédia americana: a Guerra do Paraguai sob novos olhares*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p. 501-531.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

MOREL, M. Palavras além das letras: Apontamentos sobre a imprensa e oralidade na primeira metade do século XIX. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 63-80, 2010

O'LEARY, J. E. *El libro de los héroes*: páginas históricas de la Guerra del Paraguay. Asunción: Librería La Mundial: 1922.

PLÁ, J. El grabado, instrumento de defensa. In. ESCOBAR, T.; SALERNO, O. (Orgs.). *Cabichuí*: Periódico de la Guerra de la Triple Alianza. 2a. ed. Asunción: Servilibro; Centro de Artes Visuales Museo del Barro; Biblioteca Nacional del Paraguay, 2016.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TORAL, A. A. *Imagens em desordem*: a iconografia da Guerra do Paraguai. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

TOWNSEND, M. L. O humor e a esfera pública na Alemanha do século XIX. In. BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 225-250.

Fontes primárias

Cabichuí, Paso Pucú / San Fernando, 1867-1868. Biblioteca Nacional do Paraguai – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Paraguai. <http://bibliotecanacional.gov.py>

El Centinela, Asunción, 1867-1868. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira. <http://memoria.bn.br>

Revista del Paraguay, Buenos Aires, Año I, n. 8, agosto de 1891. <http://www.archive.org>

Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles, Asunción, 1865-1866. Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira. <http://memoria.bn.br>

Notes

¹ Outros periódicos que circularam no Paraguai na década de 1850 foram: o *Eco del Paraguay*, publicado em Assunção e que durou apenas dois anos (1855-1857); *El Grito Paraguayo* (1858-1859); e *El Paraguayo Independiente*, também publicado na capital paraguaia, mas que teve uma vida mais longa (1845-1852). *El Paraguayo Independiente* foi uma espécie de predecessor do *Semanario*, e possuía pontos em comum com este, pois também era publicado pela *Imprenta del Estado* e seu principal redator era o então presidente da república Carlos López.

² “O excesso de tirania do Império para com seus vizinhos inofensivos (...) Assim, o Império se declara inimigo do Paraguai e o arrasta ao terreno da luta.” (Tradução livre)

³ Seu primeiro número foi lançado em 24 de fevereiro de 1869. Também era publicado pela Imprensa do Estado, mas na cidade de Piribebuy, que fora transformada em capital do Paraguai por Solano López, já que Assunção havia sido tomada pelas forças da Tríplice Aliança em janeiro daquele ano.

⁴ O *Cacique Lambaré*, que tempos depois adotou apenas o título de *Lambaré*, surgiu em julho de 1867, fazendo alusão a um chefe indígena que lutara contra os invasores espanhóis. O uso do guarani predominou em tal periódico, onde ocasionalmente apareciam palavras em espanhol. Conforme a historiadora argentina Maria Lucrecia Johansson, o uso do guarani pelo *Cacique Lambaré* era direcionado aos soldados e tinha diversas motivações, além do fato de ser um idioma deveras utilizado no Paraguai, tais como: “la lengua fue el nexo que permitió establecer una conexión entre las hazañas guerreras de antaño y el contexto de guerra, construyendo una filiación genealógica con “la raza guaraní, esa raza de primitivos guerreros”. (...) “En el nuevo contexto que emergía con la guerra se sintió la necesidad de buscar anclaje en el pasado” (JOHANSSON, 2015, p. 522-523).

⁵ Grifos do original. “O Marechal López empregava todos os meios ao seu alcance para fortalecer o espírito e melhorar, dentro do possível, o moral do exército. Para este fim, além do **Semanário**, que além de registrar em suas colunas os sucessos da guerra, também fazia uma propaganda contra os aliados no sentido de desacreditar sua causa ante a opinião, mandou fundar um jornalzinho chamado **El Centinela**, (...) e outro chamado **Lambaré**, que era publicado em guarani (...) Estes dois periódicos vieram à luz na capital, e eram distribuídos profusamente nos acampamentos militares ao exército. Em Paso Pucú se estabeleceu uma imprensa, e, por indicação do Marechal, foi fundado um periódico satírico de caricaturas. O que escreve estas memórias foi encarregado da direção e redação do mesmo (...) foi aceita a minha ideia de que fosse chamado **Cabichuí**.” (Tradução livre)

⁶ “Desde o início das hostilidades, a imprensa dos países beligerantes dedicou-se a tratar amplamente do conflito. No caso do Paraguai, imerso em um contexto de guerra total, o governo iniciou uma campanha de propaganda que consistia na disseminação de ideias tendendo a induzir certos comportamentos. (...) como Jean-Marie Domenach argumenta, a partir do século XVIII a propaganda tornou-se um auxiliar das estratégias da guerra, que começou a ser conduzida tanto por armas como pela ideologia.” (Tradução livre)

⁷ “Desde 1791, a ideologia se une às armas na condução das guerras e a propaganda se torna uma auxiliar da estratégia. Trata-se de criar coesão e entusiasmo no próprio lado, e desordem e medo do lado do inimigo. Ao abolir cada vez mais a distinção entre a frente e a retaguarda, a guerra total oferece à propaganda, como campo de ação, não só os exércitos, mas também as populações civis, já que pode ser mais seguro atuar nestas para melhor afetar aqueles, uma vez que estas populações podem sublevar-se e novos tipos de soldados, homens, mulheres e crianças espíões, sabotadores e guerrilheiros podem emergir na retaguarda do inimigo.” (Tradução livre)

⁸“O que em nossos dias é chamado de senso de identidade é sempre baseado na suposição de superioridade sobre aqueles que não pertencem ao meio. Nessa função, a qual sempre cumpriu a sátira, se pensamos em imagens, canções ou simplesmente em anedotas e piadas à custa dos vizinhos (...) A sátira pictórica contribuiu para este sentimento de superioridade certamente tola reforçando o estereótipo que qualquer grupo tem de si e dos outros.” (Tradução livre)

⁹Assim o *Cabichuí* descreve a imagem publicada em seu primeiro número que alude à Tríplice Aliança: “Se divide em tres individualidades Pedro II, Mitre e Flores. El gran macaco ostenta su autoridad de Rey e enseñorea con su enorme cola del escuálido Mitre, fiel a su política, y del estúpido Flores, que en verdad su asno de carga” (*Cabichuí*, Paso Pucú, 13 de mayo de 1867).

¹⁰“Informar à tropa sobre os episódios da guerra, defender a República, celebrar as vitórias paraguaias, infiltrar-se nas fileiras do inimigo para detê-lo, buscar o riso do soldado para aliviar sua fadiga, observar os cidadãos paraguaios e render honras ao Marechal López.” (Tradução livre)

¹¹“Ridicularizar o adversário, caricaturando seu estilo e suas argumentações ou torná-lo objeto de piadas e breves histórias cômicas (...) os múltiplos meios de ridicularizar um adversário; embora muitas vezes rudes, são, no entanto, eficazes.” (Tradução livre)

¹²“O riso. Foi uma das armas mais afiadas que nosso exército usou contra o invasor! (...) ‘El Centinela’ era (...) jornal satírico e de caricaturas, mas geralmente escrito em castelhano. Apareceu em Assunção e também circulou profusamente no exército.” (Tradução livre)

¹³“‘El Centinela’ que pertence às fileiras do Exército nacional (...) Oferece-lhes que suas colunas serão usadas para assinalar as ações distintas e fornecer ao nosso Exército momentos de riso e algazarra. (...) Cara feia. Nas táticas militares do Brasil há um tratado de mímica, que antes de lutar é posto em prática pelos soldados imperiais. O oficial dá essa voz a sua companhia: ‘cara feia ao inimigo’ e os negros fazem caras que causam medo, e certamente esse feliz recurso é mais assustador que suas baionetas.” (Tradução livre)

¹⁴“A ordem das matérias será a de um *puchero*, porque como soldado ele só sabe duas coisas: matar negros e fazer seus *baturrillos*. (...) A publicação é para o Exército, e os assuntos que são tratados não terão nada de metafísica – A linguagem do soldado é clara e sincera. Cada artigo será tão curto quanto o bater do tambor.” (Tradução livre)

¹⁵Tristán Roca seria executado por fuzilamento no acampamento de San Fernando em 12 de agosto de 1868, acusado de ter se envolvido em uma conspiração contra Solano López.

¹⁶“Durante dois ou três dias, o título que o referido jornal deveria ter foi vividamente discutido, assim como o desenho que serviria de frontispício ou capa. Por fim, aceitou-se minha ideia de que fosse chamado Cabichuí, nome de uma vespa negra muito corajosa, que constrói sua colmeia nas árvores e nos beirais das casas. O desenho da capa também foi aprovado, consistindo em um homem negro acossado por uma multidão dessas vespas.” (Tradução livre)

¹⁷Situado ao sul da Fortaleza de Humaitá, o acampamento de Paso Pucú foi, de 20 de maio de 1866 a 23 de março de 1868, o quartel general do exército paraguaio onde Solano López havia instalado seu posto de comando. Apesar de o termo “acampamento” denotar certa simplicidade, no local havia várias construções, tais como as dependências para a tropa, o prédio do comando, a casa de López, um hospital de sangue, uma capela e um cemitério.

¹⁸Natalício Talavera é conhecido no Paraguai por seu trabalho como poeta e veio a falecer em 1867 no acampamento de Paso Pucú em decorrência do cólera.

¹⁹“O primeiro foi publicado na capital do Paraguai, na imprensa tipográfica nacional e, portanto, muito próximo do controle do estado e do próprio López, quando este estava no local, enquanto

a humilde vespa desfrutava de maior liberdade, sendo produzida muitas vezes nos próprios campos de batalha, em cenários dispersos e remotos. Só por essa razão, o discurso de El Centinela estava muito mais próximo do discurso oficial e estava de acordo com as proclamações e diretrizes do governo.” (Tradução livre)

²⁰ “com exceção de Saturio Rios, é óbvio que nenhum desses gravadores eram autenticamente versados em desenho. Mesmo em alguns deles, a ausência de disciplina acadêmica é absoluta. É precisamente essa ingenuidade que, impulsionada por um impulso interno fervoroso e espontâneo, se traduz naquelas composições de significado vital e transparente, plenamente significativas”. (Tradução livre)

²¹ “Nós tínhamos um jornal satírico ‘El Cabichui’, que era o órgão oficial da alegria do nosso exército. (...) Aquela pequena vespa (Cabichui) estava voando através do exército, soltando a hilaridade de nossas tropas, e cruzando nossas trincheiras, a cravar seu ferrão envenenado no coração do inimigo.” (Tradução livre)

²² “Naturalmente, é esse tipo de caricatura que obtém seu efeito a partir do uso da metáfora para comentar as notícias do dia a dia. É baseado em uma audiência que gosta da engenhosidade de uma comparação que não consegue explicar, mas resume uma situação.” (Tradução livre)

²³ De acordo com Vitor Izecksohn, no período imperial “apesar da forte presença de negros e mestiços nas fileiras, o serviço militar brasileiro não era aberto a escravos”; o mesmo autor aponta que parte dos elementos que compuseram as forças armadas brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai era formada por negros que haviam sido alforriados para tal (IZECKSOHN, 2015, p. 96-110).

²⁴ A partir de março de 1868, San Fernando tornou-se o acampamento em que Solano López se instalara e, juntamente com ele, as prensas do *Cabichui*. Foi justamente em tal local onde ocorreu o massacre de San Fernando, em 21 de dezembro de 1868, quando, sob as ordens do presidente paraguaio ocorreu a execução, sob acusação de traição, de muitos homens e mulheres, dentre os quais, familiares de López, oficiais de alto posto (inclusive generais), religiosos, políticos e diplomatas estrangeiros.

Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho é Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em História Militar Brasileira pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará (EAMCE). Atualmente é editor da revista *Navigator*: Subsídios para a história marítima do Brasil. Tem experiência na área de História, com ênfase em Protestantismo no século XIX, Religiões e Religiosidades, e também desenvolve pesquisas relacionadas a Marinha do Brasil na segunda metade do século XIX e à imprensa no período da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Submissão: 19/08/2018

Aceite: 25/03/2019

Editores: **Karina Anhezini** e **André Figueiredo Rodrigues**